PALAVRAS DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DO CEARÁ AGRADECENDO A MEDALHA BARÃO DE STUDART

Gen. Doutor Carlos Studart Filho

Mui Ilustre e Respeitável Auditório:

Alcanço, neste instante soleníssimo, o acme da trajetória que venho percorrendo pelos longos e fadigosos caminhos de minha vida, tão bafejada sempre por auras benfazejas.

Acabo de receber, cheio de justa emoção e natural orgulho, a medalha Barão de Studart, comenda com que se dignaram de honrar-me meus egrégios consócios do Instituto do Ceará.

Daqui por diante, ela refulgirá em meu peito e seus dourados lampejos, assinalando este instante fugídio de minha carreira de humílimo pesquisador das coisas do passado, irão constituir novos estímulos a fim de que prossiga, sem desfalecimento e com sobrançaria, a jornada que me marcou um destino benevolente.

Abrilhanta e dignifica a venera augusta, a efígie de um cidadão, a mil títulos respeitável e que foi indubitavelmente um dos grandes valores morais da terra cearense e um dos seus filhos mais ilustres.

O vulto de sua obra de intelectual, o polimorfismo de suas atividades produtivas nos largos domínios das ciências e das letras, a multiplicidade de suas realizações beneméritas no campo social, a austeridade quase monástica de sua vida, sobejamente justificam o respeito e a admiração que lhe votaram os seus contemporâneos. Os conceitos encomiásticos com que sempre o honraram e, ainda, as homenagens que, ano após ano, lhe vêm sendo tributados, não apenas por aqueles que, entre nós, cuidam das coisas do espírito, senão também pelo mundo intelectual brasileiro, igualmente abonam o seu reconhecido valor e expressam a justeza da veneração de que tem sido o indefectível alvo.

No que tange aos seus conterrâneos cearenses, insistamos, ele se fez credor dessas reverências, não somente porque amasse "sem restrições a sua terra natal, mas ainda porque fez dela e da sua gente o objeto constante e eterno de suas preocupações. Para o Ceará voltou-se a sua inteligência e o labor intelectual."

Filho primogênito de John William Studart, Cônsul inglês no Ceará, e de Leonízia de Castro Barbosa, de nobre família cearense, nasceu Guilherme Studart, em Fortaleza, a 5 de janeiro de 1856. Vindo ao mundo em ambiente de certo modo requintado e culto, cedo se lhe despertou na mente o desejo de instruir-se.

Iniciando-se nas letras, fez o curso primário no Ateneu Cearense, dirigido pelo professor João de Araújo Costa Mendes, e a seguir, embarcou, a 8 de maio de 1868, em companhia de seu pai, para Salvador, onde iria prosseguir os estudos no "Ginásio Baiano", de Abílio César Borges, mais tarde Barão de Macaúbas, justamente considerado dos mais notáveis pedagogos brasileiros de seu tempo.

O que foi a vida estudantil de Guilherme Studart naquele famoso educandário, dizem-no bem a admiração e o respeito que lhe votavam os seus condiscípulos e mestres. A medalha de ouro que recebeu ao fim do curso e lhe foi pregada ao peito pelo Visconde de S. Lourenço, então presidente da Província, é atestado vivo do amor e dedicação que votava aos estudos e de seu temperamento ordeiro.

O seu nome, assim aureolado, passou a figurar no grande Quadro de Honra do colégio, onde somente logravam acesso alunos que se distinguissem pelo vulto dos conhecimentos adquiridos no currículo, e pela irrepreensibilidade de sua conduta escolar. Nele foram inscritos os nomes de Castro Alves, Rui Barbosa, Benício de Abreu, João Florêncio Gomes e alguns outros; todos jovens que se tornaram, figuras exponenciais no cenário político e no cultural brasileiro.

De certo modo infenso às diversões e folguedos que, ontem como hoje, sempre constituíram as grandes preocupações de rapazio, o estudo era a sua preocupação absorvente. Só os livros o prendiam e deleitavam.

Referindo-se certa feita, a esse inato pendor pelas coisas do espírito, em momento de maior expansão, contava ele, diz-nos Luís Studart, que, quando menino, nunca subira a uma árvore, jamais ensaiara uma carreira,

eximindo-se sempre de participar dos folguedos que são o encanto e a paixão da infância descuidada.

Terminando o curso preparatório, aquiesceu em continuar no ginásio Barão de Macaúbas como censor e lente de Inglês, Geografia e História do Brasil, disciplinas, que viria, mais tarde, a lecionar também no Ceará.

A 16 de março de 1872, matriculou-se na Faculdade de Medicina onde, cinco anos depois, em 15 de dezembro de 1877, conquistaria, com brilhante defesa de tese, o anel de Doutor em Medicina.

Instado por amigos e colegas, que lhe conheciam os méritos invulgares, a permanecer em Salvador, onde largos horizontes se lhe abriam às atividades de médico e de homem de saber, mais forte falou, porém, ao coração, a voz do sangue. E ele regressou ao torrão natal.

Refere Boanerges Facó que Joaquim Nabuco, estudando "Os Lusíadas" e seu genial autor, em memoráveis conferências na América do Norte, disse haver sido a adversidade na vida de Luís de Camões fato capital para ele e para a sua pátria. Se a existência lhe houvesse corrido à feição, Camões não teria ido às Índias e sem essa viagem, jamais ele teria criado o imortal poema épico. Se houvesse ido à Itália teria sido o poema da Renascença, nunca o poeta da nação portuguesa.

O doutor magistrado acrescenta que algo semelhante aos fatos comentados por Nabuco ocorreu com Guilherme Studart. Se ele não tivesse voltado ao Ceará, em janeiro de 1878, segundo ano da maior seca, transcorrida na região e, fins do século XIX, e não houvesse encontrado a sua província assim assoberbada pela terrível crise climática, e o genitor, que faleceu logo em fevereiro seguinte, em embaraçosas dificuldades financeiras, cercado de numerosa família por educar e mesmo por criar, ele próprio necessitando colocar-se e encaminhar-se na vida, Guilherme Studart teria, por certo, voltado à Bahia.

Frisa ainda Boanerges Facó que o destino quis que Studart permanecesse na terra onde nascera para enfrentar **o Struggle for life** e cuidar da numerosa irmandade e, desse modo, se tornasse um forte e notável patriarca ainda no verdor dos anos. E se a Escola da Bahia teve, assim, de perder um grande professor, a cronologia do Ceará ganhou o seu destacado beneditino.

Ocorre, porém, que Studart não foi apenas grande patriarca e destacado beneditino da cronologia cearense, ou seja, homem de gabinete, um incansável decifrador de alfarrábios, o invocador dos nossos idos que aclarou tantos passos obscuros e difíceis da história regional nordestina, como parece insinuar o ilustre signatário daquelas linhas. Foi muitíssimo mais; grande estudioso, ele na verdade se tornou um notável erudito, um dos expoentes máximos da cultura do Ceará de sua época.

Sem desfalecimento, nem tergiversações, sua indefesa curiosidade intelectual peregrinou pelos mais variados campos das ciências humanas, investigando-os com zelo, laborando-os com amor, e, desse modo, em muitos deles se sagraria mestre.

Trabalhador incansável suas atividades culturais foram multímodas e produtivas.

Magistrais e convincentes são, com efeito, os seus trabalhos versando temas de **Genealogia** e de **Biografia**.

Que foi um conhecedor profundo do assunto, dizem-no eloqüentemente os seus multiplicados escritos insertos em revistas, livros e periódicos e aquele a que deu lume em 1883, sobre a "Família Castro".

Sua obra de maior vulto e projeção é, porém, o Dicionário Bio-bibliográfico, editado em três volumes que apareceram, sucessivamente nos anos de 1910, 1913 e 1915.

"Nesse vasto repositório", observa Cruz Filho, "encontra-se larguíssima cópia de informações biográficas e genealógicas, tão habilmente organizadas que abrangem não só os biografados propriamente ditos, mas também numerosas individualidades a eles ligados por parentesco, de maneira que manusear aquelas sintéticas bio-biografias equivale, não raro, a travar maiores conhecimentos biográficos do que os propriamente indicados no título da notável obra".

No terreno da **Geografia** a figura do Barão de Studart projeta através de sua magnífica contribuição para o conhecimento exato da estrutura material, social e política da terra cearense.

Dentre os seus trabalhos, o de maior valia, no setor cultural a que

nos estamos a referir, avulta, sem nenhuma dúvida, a Geografia do Ceará, escrito de 350 páginas de texto, vindo a lume em 1924.

Embora jamais pretendesse ser especialista no assunto, muito fez, outrossim, no setor do **Folclore**, essa ciência hoje tão justamente perquirida, porque, na verdade, representa "a parte mais íntima e característica do pensar de um povo".

Conhecedor profundo da alma popular e das tradições avitas das gentes sertanejas, significativa seria, sem nenhuma dúvida, o acervo de dados e documentos que legou aos estudiosos da matéria.

"Usos e superstições cearenses", aparecido em 1910, na Revista da Academia Cearense seria, na opinião sempre respeitável do professor Florival Seraine, o seu melhor escrito.

Vários outros de não menor interesse existem perdidos em revistas cearenses de vária natureza.

Também nos domínios das Belas Letras a figura a mil títulos simpática e respeitável do Barão de Studart se projeta e alcandora.

Um intelectual cearense, com justificadas razões, o considera o Nume Tutelar da Academia Cearense de Letras (em sua primeira fase) e esclarece que em meio de tantos varões insignes que então a compunham, o seu vulto se destacava em uma auréola de imortal grandeza.

E, tomado de justo entusiasmo, acrescenta "Como criador e animador da tradicional instituição, é ele o Richelieu, o Duque de Lafões ou o Machado de Assis da nossa província". Diz, ainda, que a fundação do admirável sodalício, em Fortaleza, a 15 de agosto de 1894, foi devido à sua iniciativa e aos seus indefesos esforços.

O Gabinete de Leitura do Aracati, o Gabinete Viçosense de Leitura e o Gabinete de Leitura Camociense, o tinham como sócio:"honraram-se ao inscrevê-lo em seus quadros".

Na verdade "as Sociedades Literárias do Ceará acharam no infatigável estudioso,que foi o Barão de Studart, um fautor das boas letras".

A história foi, porém, a sua preocupação dominante e, também, o seu maior enleio.

"Nos domínios da historiografia, tornou-se ele, um ressuscitador de fatos, um desses obstinados da atividade intelectual que honraram com o seu profícuo labor toda uma geração e deram para o futuro a projeção de um exemplo inconfundível".

"As monografias que escreveu", assevera ainda Paulo Bonavides, "são modelos insuperáveis de métodos na pesquisa histórica. Mais do que isso, são o esclarecimento definitivo do assunto versado".

Logrou, desse modo, tornar-se uma das grandes figuras da historiografia brasileira; e, no que tange ao vulto e valor das indagações pertinentes à crônica do Ceará, não teve rivais que com ele se ombreassem.

Gloriaram-no, por isso mesmo, homens de maior projeção nos vários domínios das ciências e das letras e o honraram com a sua estima. Mestres cuja reputação o tempo jamais apagará.

Clovis Beviláqua, Paulino Nogueira que o tinham na maior conta, fizeram coro aos elogios, com que sempre o distinguiram.

O Barão Homem de Melo colocava-o entre os nossos mais conscienciosos historiógrafos e Capistrano de Abreu, tal argumento observa José Aurélio Câmara, o rude ríspido Capistrano, "tão avaro sempre em prodigalizar elogios", foi um dos seus admiradores mais entusiastas.

"Sua pena acerada e áspera, se amacia em louvores quando a ele se refere".

Exaltando-lhe, de certo modo, os méritos, como historiador, dizia o grande cearense, em carta de 1894 ao próprio Barão "O Ceará é incontestavelmente o estado cuja história está mais investigada. Como seria bom se houvesse para Pernambuco um Guilherme Studart. . .".

Sua obsidente preocupação em ser preciso e veraz nos conceitos que emitia, e convicto de que a história se elabora e fundamenta em bases documentais, amiudou, às expensas suas, viagens à Europa em busca desses subsídios.

Em andanças pelo Velho Mundo, visitou demoradamente bibliotecas e arquivos oficiais da França, Espanha e Portugal neles colhendo valiosíssimo acervo de documentos relativos à crônica do Nordeste e mais particularmente do Ceará.

Pode, desse modo, bem fundamentar seus escritos e, ainda, fornecer aos estudiosos os dados de que careciam para o mister de reconstituir a história do Ceará, senão de todo o Nordeste, sobre bases indestrutíveis.

A magnitude de sua obra cultural, ressalta do substancioso trabalho intitulado "Bibliografia do Barão de Studart", que o mestre Raimundo Girão publicou, em 1956, no Tomo Especial da Revista do Instituto do Ceará.

Guilherme Studart foi, outrossim, um cidadão de sólidas e largas virtudes morais. Intimorato, austero e justo, era ele um **Bom** na mais amorável acepção do vocábulo.

Nos domínios dos sentimentos, disse-o Pompeu Sobrinho, "a mais suave e doce expressão de sua individualidade de escol reponta de sua formação a toda prova cristã". E mui apropositadamente esclarece, ter sido a caridade, sem nenhuma dúvida, o aspecto por excelência sugestivo e atraente "de seu psiquismo bem formado".

Evidenciando-se vigorosa e polimorfa ainda quando era estudante na Bahia, junto à cabeceira dos enfermos hospitalizados ou ao pé do leito dos indigentes faltos de amparo e assistência médica, a filantropia nele mais cresce, avulta e se aprimora após o seu regresso a Fortaleza.

Na cidade, então combusta, surge ele, como a própria imagem do bom Samaritano, "enfrentando os horrores que as secas espalharam entre a multidão de flagelados vindos dos Sertões". Servia aos infelizes enfermos dia e noite, visitando incansável as barracas imundas em que morriam as centenas vítimas de peste e da varíola.

A sua índole bondosa e a reconhecida catolicidade que o exornava, levaram-no naturalmente a se filiar ao grêmio vicentino, nele se integrando já ao tempo em que cursava o quarto ano médico.

Assim, em 1876, ao instalar-se em Salvador a Conferência de S. José,

seu nome figuraria ente os daquelas criaturas abnegadas que compunham a mesa diretora da benemerente associação a que passara a pertencer.

Dessa faceta sugestiva e a todos os títulos louvável de sua longa existência de católico praticante, ocupou-se, com a mestria e honestidade costumeiras, o Comendador Luís Sucupira um dos altos valores das letras cearenses.

Em longo e erudito trabalho, inserto na poliantéia publicada pelo Instituto do Ceará em 1956, para comemorar o centenário de nascimento do seu ilustre presidente e da qual muito nos valemos aqui, ele, com justeza, exalta a atuação de Guilherme Studart na Sociedade Vicentina e o aponta como "uma reprodução viva e palpitante de Vicente de Paulo e Frederico Ozanam".

Há que lê-lo para bem conhecer e admirar a grandeza da obra do Barão de Studart nos largos domínios da caridade.

Cabe-nos aqui ressaltar apenas, que tão notável e benemerente foi a sua atuação como católico ortodoxo, nos domínios da assistência social que, por sugestão de Dom Joaquim José Vieira, então bispo do Ceará, conferiu-lhe o Sumo Pontífice, a 22 de janeiro de 1900 o título de Barão da Santa Sé. Desse modo recompensava Sua Santidade a dedicação e operosidade de Vicentino de méritos excepcionais e cuja fé-de-ofício era vasta, vultosa e brilhante.

"A esta mesma faceta pessoal se vinculariam outras nobres manifestações de sua alma generosa".

Homem de índole liberal, consoante o acentua Paulo Bonavides, a trincheira anti-escravista levantada pela musa de Castro Alves, pelo verbo de Rui Barbosa e pela fé de Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, foi encontrá-lo entre os seus melhores combatentes.

A essa audaz e benemérita falange que,com justiça, bem poderia ser acrescida dos nomes de Pedro da Silva Guimarães, cearense do Aracati, e de Jerônimo Sodré Pereira, médico baiano, cedo o levaram as suas convicções religiosas e a sua inata bondade.

Fundada em Fortaleza a "Sociedade Cearense Libertadora" seu nome apareceu entre os 225 associados que a constituíam, e na qualidade de

representante do Gabinete Cearense de Leitura, figuraria como integrante de sua diretoria.

O mui conhecido episódio da **Sala de Aço**, de que João Cordeiro seria o protagonista, cindindo em dois as hostes libertadoras, não arrrefeceu a Campanha Gloriosa. Moderados e ultramontanos, ou radicais, prosseguiram, cada um de per si em sua faina benfazeja.

Sempre comedido e de espírito ordeiro, incapaz, portanto, de qualquer violência, deixa Guilherme Studart a Sociedade Cearense Libertadora, filiando-se mui naturalmente à corrente moderada, onde sua atuação seria eficiente e sábia.

Deixando a "Sociedade Cearense Libertadora", não ficou inativo o austero propagandista de um largo ideal de libertação. Fundou, pouco depois, com os outros "moderados" o "Centro Abolicionista 25 de Dezembro" cabendo-lhe redigir, em 13 de abril de 1883, o manifesto lançado ao povo por aquela associação.

O Barão de Studart não arrebatou pretos das mãos dos seus algozes como o fez Carlos da Silva Jataí, nem foi daqueles que arrancaram pedras e construíram barricadas nas ruas de Fortaleza, à maneira de José Luís Napoleão.

Apostolou a grande e generosa idéia pela pena e pela palavra, que foi sempre ouvida e acatada.

Redimiu, não pela ameaça, mas pelo exemplo. Onde as investidas dos membros da "Sociedade Cearense Libertadora" fracassaram, ele venceu pregando a "magnanimidade e o sacrifício".

A sua filantropia, como médico, que cedo se se exercera em Salvador, mais avulta e se aprimora depois de seu regresso a Fortaleza que passaria a ser, daí por diante, o campo de atividades profissionais e o alvo de seus constantes cuidados.

A seca, já o dissemos, assolava naquela época o Ceará, por toda a parte semeando a miséria e a fome. Terrível epidemia de varíola devastava a capital da Província, nela tendo feito, nos derradeiros meses de 1877, cerca de 27.378 vítimas.

Em pincelada de Mestre, traça Pedro Sampaio, o espetáculo dantesco que então se deparou aos olhos do jovem esculápio quando de sua chegada ao torrão natal e cheio de entusiasmo acompanha o desdobrar de sua atuação benfazeja. Nas ruas de Fortaleza, diz ele, "dia e noite invadida por levas de retirantes, por bandos de esqueletos ambulantes cobertos de pústulas, varíolas que, em busca de socorro, desciam dos sertões e vinham para a capital estender a mão à caridade pública". Então Guilherme Studart "ofereceu-se para tratar das varíolas dando-lhe o socorro de sua ciência e a palavra de conforto das almas boas e bem formadas".

Durante seis meses estacionou na cidade de Maranguape com idênticos propósitos.

Em 1880 o presidente da Província José Júlio, pediu-lhe que também, gratuitamente, desse a remoção para a Santa Casa dos variolosos ainda existentes nos acampamentos.

Em outubro do mesmo ano de 1880, o Conselheiro André Fleiri envia ao Guilherme Studart um ofício louvando seu desinteresse e seu desvelo de clínico, pede-lhe que aceite "mediante a gratificação mensal de cinqüenta mil réis, as funções de médico da Coluna Cristina". "E o Dr. Guilherme Studart aceitou mais este pesado e gratuito encargo, como exerceu, durante toda a sua vida clínica incumbências outras de igual jaez entre as quais a de chefe de Clínica da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, diretor e fundador do Instituto Pasteur, diretor honorário da Faculdade de Farmácia e Odontologia e iniciador da construção do leprosário em Fortaleza".

Com Duarte Pimentel muito concorreu para a fundação do Centro Médico Cearense tendo sido um dos mais assíduos colaboradores do **Norte-Médico** que veio depois a chamar-se o Ceará Médico.

Mas fiquemos por aqui.

Neste cenário augusto em tantas outras ocasiões, não menos pomposas, intelectuais e mestres credenciados, nos domínios da cultura e na arte de bem dizer, já lhe têm rendido o culto cívico de que se fez credor.

Toda a assembléia, aqui reunida, o conhece e justamente o respeita e admira porque sabe que o Barão de Studart não foi apenas uma glória cearense mas uma glória nacional.

"Um momento de conforto derramado numa só agonia, a simpatia com que se enxuga uma lágrima, bastam, às vezes, para a salvação de um condenado" disse o grande Rui com o aticismo de sempre e sua clarividência inigualável.

Esqueceu, porém, o excelso tribuno de observar que atitudes, como a vossa, meus ilustres consócios, e que homenagens tais às que vindes de prestar-me calam de maneira profunda e ficam indeléveis no coração e na mente de quem as recebem.

Assim, onde que me colha o fim de meus dias, um resquício de claridade desta festa acariciará brandamente as trevas de minha despedida, um laivo do dulçor destes momentos, suavizará a amargura do meu calix. (X) Muito obrigado.